

Fischer cobra credibilidade

DAVOS, SUÍÇA – O vice-diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, cobrou ontem do governo brasileiro uma política monetária que conquiste a credibilidade dos mercados internacionais e permita o controle sobre a desvalorização do real. "A situação requer uma política monetária clara, que seja acreditada pelo mercado e evite a volta da hiperinflação", afirmou Fischer, que participou ontem de debate no encontro anual do Fórum Econômico Mundial, em Davos. O executivo do FMI chega hoje à noite em Brasília para rediscutir metas do acordo do Brasil com o Fundo.

Na opinião de Stanley Fischer, o real já perdeu valor demais em relação ao dólar nas últimas duas semanas. Entretanto, o vice-diretor do FMI acredita que, retomada a confiança através de uma política monetária de credibilidade, a moeda brasileira se fortalecerá. Fischer disse que o Brasil pôs em prática quase todas

as medidas fiscais necessárias para superar a crise cambial e conta com um sistema financeiro forte.

"A última pendência é a credibilidade da política monetária. Tão logo isso aconteça, ou um pouco depois, já que leva tempo para se recuperar a credibilidade, a tendência de alta exagerada do câmbio será revertida e o real se fortalecerá", analisou. Para Fischer, a desvalorização de 60% do real está muito acima da realidade, dadas as mudanças e o fortalecimento da economia brasileira nos últimos anos e a aprovação do pacote fiscal.

Crítica – O atraso do Congresso nas votações do ajuste e as derrotas do governo nas primeiras sessões foram alvo de críticas do FMI. Stanley Fischer afirmou que a crise cambial brasileira teria sido evitada se as medidas fiscais tivessem sido aprovadas com mais rapidez. "A desvalorização afeta a área fiscal, mas o que era preciso ser feito foi feito nas últimas duas semanas (justamente o período em que o governo deixou a cotação do dólar

flutuar). Infelizmente, se isso tivesse sido feito três semanas antes, a crise poderia ter sido evitada", assinalou.

Mesmo assim, o vice-diretor do FMI elogiou a condução da política econômica. "Com as resoluções tomadas pelo governo, essa crise será contornada muito em breve e o Brasil pode, até mesmo, sair mais forte do que era há dois meses", disse Fischer.

Ele fez questão de salientar que a situação do Brasil é diferente do furacão que desmontou a Ásia. "Os problemas monetários são muito menores do que nos países asiáticos. O sistema financeiro do Brasil também é muito mais forte, o país passou os últimos anos saneando bancos, principalmente os estaduais", disse Stanley Fischer.

Dolarização – O Brasil e a economia latino-americana foram temas centrais nos debates em Davos. E a argumentação dos países, ao contrário dos anos anteriores, não teve nada de unificada. Um dos assuntos

mais polêmicos ontem foi a dolarização das economias e a radicalização desse sistema de *currency board*, que seria fazer do dólar a moeda nacional de todas as nações da região.

O ex-ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, novamente defendeu a paridade do dólar com o real, como forma de afastar definitivamente o fantasma inflacionário. O ministro brasileiro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampaia, rechaçou o *currency board*, afirmando que, apesar de ser uma idéia, não tem efeitos imediatos como supõe Cavallo. Outros economistas lembraram que a paridade não vai substituir a disciplina fiscal.

Na Argentina, o prêmio Nobel de Economia James Tobin criticou a idéia do presidente Carlos Menem de submeter sua política cambial ao banco central americano. "Não soa bem um país não ter moeda e a Argentina não terá nenhuma atenção especial dos Estados Unidos por isso", afirmou.